

CHACOTAS RELACIONADAS À APARÊNCIA EM ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIAS E TRANSTORNOS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Augusta Karla Silva Quintanilha ¹
Fabiane Frota da Rocha Morgado ²

RESUMO

Chacotas pela aparência são situações que adolescentes enfrentam em contextos familiares, escolares e sociais. As chacotas são atos de provocações por atributos corporais que, não necessariamente, têm a intenção de ferir o outro. Quando isso acontece em fases específicas como a adolescência, por exemplo, seus efeitos podem afetar psicologicamente o adolescente, pois é uma fase de intensas transformações corporais. Nesse sentido, as chacotas podem impactar diretamente o desenvolvimento da imagem corporal, desencadeando vergonha e insatisfação corporal. Quando essas provocações se intensificam e se dão em diferentes âmbitos (sociais e familiares), quadros como depressão e ansiedade podem se instaurar. No entanto, pesquisas relacionadas a essa temática ainda são escassas, em específico em adolescentes com deficiências e/ou transtornos psíquicos. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo buscar na literatura trabalhos sobre chacotas direcionadas à aparência corporal, para um conhecimento do estado da arte dessa temática. Este estudo configura-se como uma revisão sistemática de artigos publicados nas bases de dados Scopus, PsycInfo e Web of Science. Foram incluídos 22 artigos identificados através dos *descritores* ("*body image*" OR "*body sham**" OR "*appearance teasing*" OR "*teasing*" OR "*bullying*" OR "*cyberbullying*" OR "*trolling*" OR "*fat shaming*" OR "*provocations by appearance*" OR "*insults based on appearance*") AND (*disabilit** OR "*impairment*" OR "*deficienc**") AND (*adolescen** OR "*teenagers*" OR "*students*" OR "*youth*"). Como resultado foi identificado que adolescentes são grupos de risco para serem vítimas de provocações relacionadas à aparência corporal, desencadeando efeitos prejudiciais no desenvolvimento de uma imagem corporal positiva, comprometendo a saúde mental dessa população e, conseqüentemente, sua inclusão nos âmbitos sociais.

Palavras-chave: Aparência Corporal, Estudantes, Família, Educação Especial

Introdução

Chacotas relacionadas à aparência (*Appearance-Related Teasing*) são atitudes de provocações referente a atributos corporais de outros (Thompson et al., 1991). Tais provocações podem se dar devido à atributos como peso, cor da pele, tipo de cabelo, uso de acessórios, comportamentos atípicos e até mesmo por uma deficiência (Schlüter; Kraag; Schmidt, 2021).

¹ Doutoranda em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDuc) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, augustapsic@gmail.com,

² Professora Doutora no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDuc/UFRRJ) fab.frm@hotmail.com

Tendo em vista a relevância desse conceito e sua relação com o corpo, faz-se necessário destacar que a imagem corporal pode ser entendida como uma experiência psicológica multifacetada da personificação, especialmente, mas não exclusivamente a aparência física. Essa experiência abarca autopercepções e comportamentos relacionadas ao corpo, incluindo pensamentos, crenças, sentimentos e comportamentos a respeito do próprio corpo (Cash, 2012). Assim, as provocações relacionadas à aparência podem intervir nessa construção subjetiva, desencadeando insatisfação corporal (Zimmer-Gembeck, Webb, 2017) e conseqüentemente uma imagem corporal negativa (Schaefer; Salafia, 2014).

Em complemento a esses dados, estudiosos têm demonstrado que atitudes de provocação pela aparência corporal podem se iniciar já na infância (Liang, Jackson, Mckenzie, 2011). Para exemplificar, Schaefer e Salafia (2014) reportaram que tais atitudes de provocação e comparação são perpetradas por irmãos e pais, desencadeando insatisfação corporal nas meninas e desejo por muscularidade nos meninos. Essas atitudes podem impactar direta e negativamente o desenvolvimento de uma imagem corporal integrada e, inclusive, afetar outras fases como a adolescência, por exemplo.

Na fase da adolescência, estudos reportam relações entre provocações relacionadas à aparência a diversos quadros psicológicos como depressão (Zimmer-Gembeck; Webb, 2017), ansiedade social (Zimmer-Gembeck; Rudolph; Gardner, 2021), vergonha corporal (Schlüter; Kraag; Schmidt, 2021), transtornos alimentares (Dahill; Touyz; Morrison, 2021), dentre outros. Frente a essas informações torna-se relevante e necessário investigar essa temática em adolescentes com deficiência e transtornos, visto que a literatura tem demonstrado que essas pessoas apresentam maior fator de risco para passarem por chacotas em comparação com adolescentes sem deficiência (Pinquart, 2017).

No Brasil, o modelo biopsicossocial da deficiência e a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) baseiam a perspectiva adotada pela Lei Brasileira de Inclusão (LBI) (BRASIL, 2015) para a avaliação da deficiência (Verzolla, 2023). Assim, deficiência pode ser definida como algum grau de impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, na qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. A partir dessa perspectiva, é possível que se desse atenção à qualidade de vida e autonomia da pessoa com deficiência, indo além do controle dos sintomas da doença e da cura da deficiência (Caribé, 2022; Verzolla, 2023).

No que tange aos transtornos, segundo a Associação de Psicologia Americana, são definidos por sintomas psicológicos e comportamentais atípicos, causando sofrimento psíquico e prejuízo em âmbitos pessoais, sociais e fisiológicos do indivíduo (APA, 2010).

Vale destacar que as chacotas estão relacionadas à ambos os quadros, deficiências e transtornos, se efetivando em ambientes escolares, que por vezes desencadeiam a exclusão e o isolamento social (Berchiatti et al., 2021). Assim, em populações com deficiência ou transtorno, a chacota pela aparência, pode trazer consequências deletérias no âmbito psicológico e também à formação da imagem corporal. Diante desses dados, o propósito desse estudo é conhecer o estado da arte de pesquisas sobre chacotas relacionadas à aparência em adolescentes escolares com deficiências e transtornos.

METODOLOGIA

Para esta revisão sistemática, foram utilizadas as bases de dados Scopus, PsycInfo e Web of Science. Não houve restrição de data na busca da literatura, que se iniciou em 16 de julho de 2023 e terminou em 15 de agosto do mesmo ano. Esta revisão sistemática foi cadastrada na Internacional Prospective of Systematic Reviews (PROSPERO) sob o registro CRD42023459103. Abaixo, pode ser visualizado o fluxograma resumindo a estratégia adotada para identificação e seleção dos estudos:

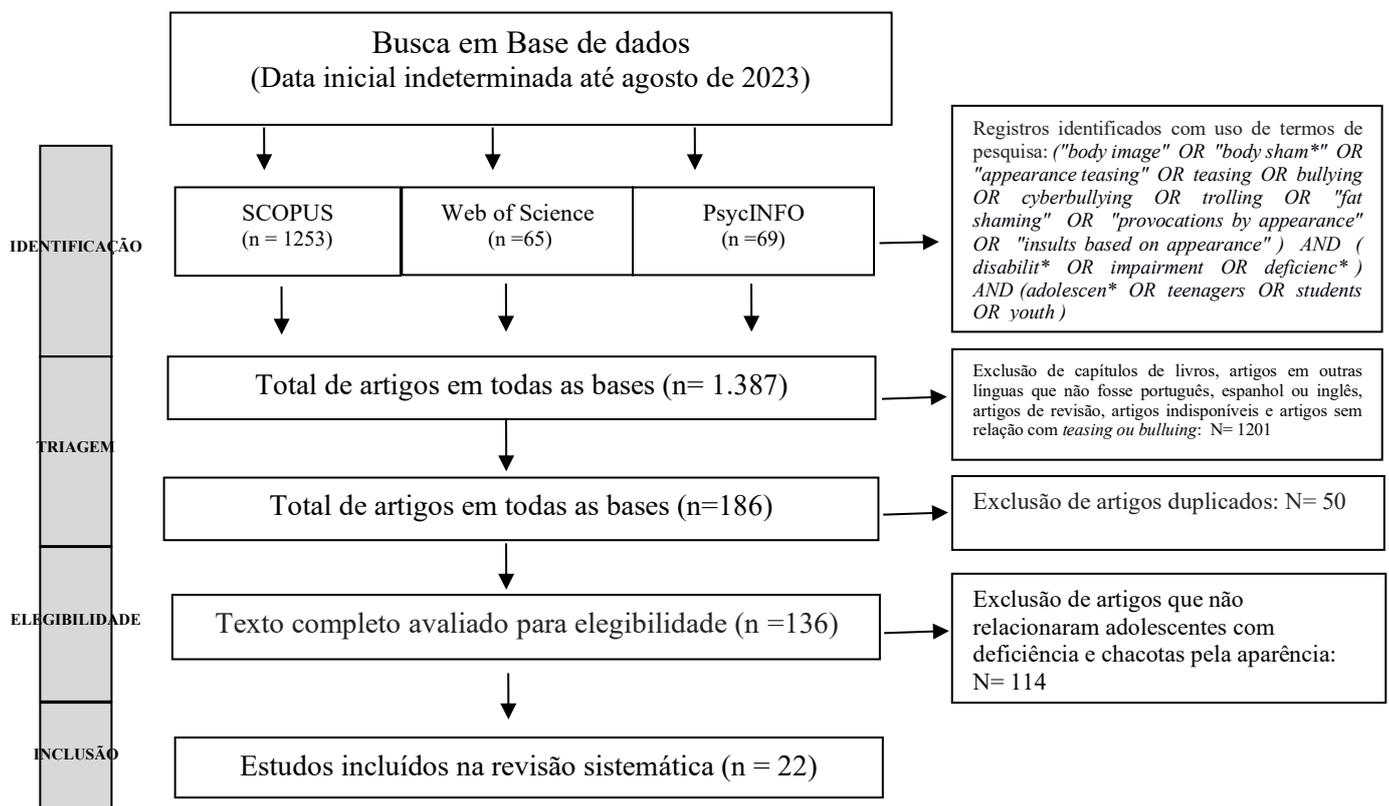


Figura 1- Fluxograma PRISMA

Resultados e Discussão

As estratégias de busca identificaram inicialmente 1.387 artigos. Na primeira seleção, foram excluídos capítulos de livros, artigos em outras línguas que não fosse português, espanhol ou inglês, artigos de revisão, artigos indisponíveis e artigos sem relação com chacotas, resultando em um total de 186 documentos. Posterior a isso, foram retirados os artigos duplicados, restando 136 artigos. Após essa etapa, passou-se à análise do método desses artigos para a exclusão daqueles sem relação direta com adolescentes, deficiência, transtorno e chacota pela aparência. Assim, foram incluídos 22 trabalhos nessa revisão sistemática.

Na análise cronológica desses artigos foi possível observar que as pesquisas se iniciaram em 2010, demonstrando que o interesse em entender essa temática é relativamente recente. No entanto, até o presente momento as publicações se mantiveram ente 1 e 4 por ano até 2022, conforme pode ser observado na Figura 2.

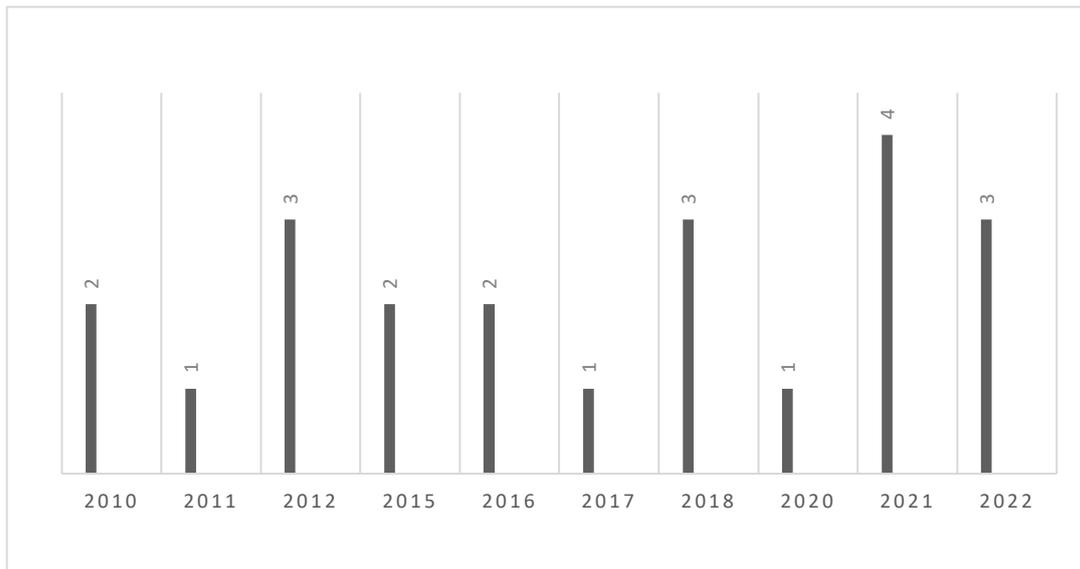


Figura 2 - Evolução cronológica dos estudos incluídos nessa revisão.

O objetivo desse trabalho foi conhecer o estado da arte de pesquisas sobre chacotas relacionadas à aparência em adolescentes escolares com deficiência. Dentre os aspectos identificados nesse estudo, dois pontos emergiram em vários estudos. O primeiro é que adolescentes com deficiências ou transtornos têm maiores riscos de sofrerem chacotas (Swearer et al., 2012; Sommer et al., 2017; Hutzler et al., 2021.; Çoban et al. 2022; Woolweavern et al, 2022). O segundo é o fato de que tendem a ter menos apoio dos pares, o que pode aumentar sua vulnerabilidade (Pinquart; Pfeiffer, 2011; Swearer et al., 2012.; Schipper et al., 2017; Giese et

al., 2021). Estes aspectos permitem a inferência de que a boa interação no contexto escolar é protetiva para esses escolares, diminuindo os riscos das provocações.

Uma questão passível de observação é que, por vezes, episódios de chacotas são precursores de comportamentos de bullying (Schlüter; Kraag; Schmidt, 2021), porém são fenômenos com semelhanças e diferenças. Frente a essa controvérsia, é essencial lembrar que a chacota é direcionada à atributos da aparência que, não necessariamente, tem o objetivo de ofender e prejudicar a vítima, enquanto que, o bullying, se configura como atos provocativos repetidos, nos quais o agressor tem o intuito de ridicularizar, vitimizar ou até mesmo ferir o sujeito alvejado (Landstedt; Persson, 2014). Frente a essas colocações, vale destacar que ambas as práticas podem desencadear no indivíduo um desgosto por sua aparência, fomentando comparações sociais e desencadeando efeitos negativos no desenvolvimento de sua imagem corporal

Adolescentes com deficiência visual são alvos frequentes de chacotas, bullying, grosserias e exclusão social. Um aspecto específico que essa população enfrenta é passar por chacotas devido ao uso de óculos ou tapa olhos. Tais provocações geram sintomas emocionais como estresse, desconfiança e insegurança desencadeando insatisfação com a vida, fazendo com que a vítima acredite que é difícil confiar nos outros e estabelecer relações positivas com colegas (Pinquart; Pfeiffer, 2011).

Esses achados são relevantes quando se considera como essas provocações podem impactar a formação da imagem corporal dessa população. Por exemplo, Pinquart Pfeiffer (2012) identificaram que adolescentes com deficiência visual podem avaliar seu corpo de forma mais negativa do que seus pares videntes, em específico as meninas, o que, está diretamente relacionado a serem vítimas de situações vexatórias. Esses autores reportaram que as provocações a essa população podem desencadear insatisfação corporal e uma imagem corporal negativa.

Aspectos peculiares de pessoas com deficiência visual podem influenciar a forma como os pares reagem. Nesse sentido, Schipper, Lieberman e Moody (2017) identificaram que a provocação é relatada como uma barreira para a participação atividades físicas, pois esses adolescentes passavam por episódios de assédio moral nas aulas de Educação Física, aonde aconteciam zombarias como *você não pode ver e seus olhos são assustadores*. Entretanto, esse mesmo estudo, demonstrou que o ambiente escolar pode ser inclusivo, inclusive nas aulas de Educação Física. Os participantes ressaltaram o papel desse professor junto a esses escolares, pois seu acolhimento e cuidado ajudava no processo de integração com os pares e realização das atividades.

Frente a esse debate, Haegele e Kirk (2018) demonstraram que as aulas de Educação Física por vezes podem ser espaços capacitistas, reforçando provocações. Esse estudo demonstrou que nesses contextos, por vezes, se perpetuam a vergonha e exclusão de pessoas com deficiência. Dentre as práticas de vitimização estavam ridicularização dos olhos, e apelidos, os quais levavam os adolescentes a internalizar a deficiência visual como a responsável pelas ridicularizações.

Frente a esses dados, observa-se que episódios de vitimização ocorrem entre pares, e precisam ser coibidos, no entanto quando isso ocorre pelos próprios professores de Educação Física, é fulcral que essa temática seja amplamente exposta e discutida. De forma similar, Giese e colaboradores (2021) identificaram uma forte hierarquização dentro das aulas de Educação Física, seja por parte dos professores, seja por parte de alunos. Nesse sentido, esse estudo demonstrou que episódios de discriminação, intimidação e assédio eram perpetrados por alunos e professores. Embora esses sistemas da hierarquia não possam simplesmente ser quebrados, formas responsáveis de lidar com alunos com deficiência visual acerca de se corpo e suas potencialidades se fazem necessárias e urgentes (Giese et al., 2021).

Em adolescentes, certos sintomas e características associadas à deficiência podem aumentar o risco de ser vítima de provocações, um exemplo disso é a deficiência física. Nesse quadro, o próprio medo de ser intimidado gera preocupação excessiva, sinalizando aos agressores que o adolescente com deficiência física pode ser incapaz de defender-se contra a agressão, tornando-os alvos fáceis (Blake et al., 2012), estando mais propensos a serem sujeito a repetidas vitimizações

Esse ponto é passível de melhor elucidação, à medida que o próprio comportamento do adolescente pode ser chamariz para as provocações. Para elucidar, Blake et al., (2012) reportaram que adolescentes com autismo, por exemplo, podem apresentar comportamentos marcados por desregulação emocional, o que pode colocá-lo em maior risco de vitimização. Assim, a natureza observável da deficiência (deficiências de linguagem, audição, deficientes físicos e deficientes mentais) facilita a identificação desses alunos como indivíduos com deficiência, o que pode colocá-los em maior risco de serem alvejados.

O efeito rebote dessa prática pode ocorrer, pois essa população, por estar frustrada com a experiência de vitimização, pode envolver-se em comportamento de provocar outros como forma de forma de vingança (Swearer et al., 2012). Consistente com esses dados, Simpson, Rose e Eliis, (2016) relataram níveis mais elevados de brigas em adolescentes com deficiência física do que aqueles sem deficiência. Isso é não é surpreendente, dado o corpo de literatura

sugerindo que comportamentos de provocações entre jovens com deficiência foram previstos por emoções reativas (ou seja, raiva) e argumentados que comportamentos agressivos, tanto vitimizações quanto brigas, são muitas vezes reacionárias e respondem à vitimização (ou seja, vítima-agressora) ou em função das características associadas com deficiências específicas (Swearer et al., 2012; Simpson; Rose; Eliis, 2016; Hutzler et al., 2021).

Similar a esses dados, Hutzler et al. (2021) sugeriram que adolescentes cadeirantes que sofreram provocações tinham maior probabilidade de reverberar esse comportamento com outros adolescentes como resposta da retaliação vivenciada. Tal resposta pode, no entanto, ilustrar o início de um ciclo vicioso de ser provocado e provocar, o que pode, em última análise, resultar em desempenho escolar prejudicado, ansiedade, fobia social, comportamento obsessivo-compulsivo. Estes dados são importantes porque indicam que adolescentes e, particularmente aqueles com deficiência física grave, ainda constituem uma população vulnerável no cenário escolar

Ainda sobre essa temática, deficiências que impactaram atividades físicas e educacionais foram preditoras significativas de chacotas pela aparência (Woolweaver, Barbour, Espelage, 2022; Sullivan et al., 2015). Adolescentes com deficiências físicas, especificamente os que têm restrições de movimentos corporais, possuem maior risco de passar por vitimizações. Isso também pode acontecer devido à necessidade de ajuda extra na escola. Outro fato importante é que as restrições no movimento corporal podem aumentar a vulnerabilidade das pessoas à violência sexual, pois sua capacidade de autoproteção pode estar diminuída, dificultando que o adolescente fuja de seu agressor (Chan; Lo; Ip, 2018).

Outro aspecto que merece atenção é quando a obesidade está associada a deficiência. Achados de Alexius (2018) e Haegele, Aigner e Healy (2020) indicaram que os adolescentes nessa condição tiveram maior chance de serem vítimas de provocações relacionadas à aparência. A exposição às provocações entre pares, devido à aspectos corporais, pode ser uma importante fonte de stress para crianças e jovens aumentando sintomas de ansiedade e depressão. Além disso, o pensamento ruminativo tem sido associado à depressão e transtornos de ansiedade, o que pode desempenhar um papel importante na formação da imagem corporal dessa população. Assim, alunos com deficiência ou transtornos acabam tendo sua participação nas atividades escolares comprometidas. Isso foi identificado por Sentenac et al. (2010) afetando a qualidade de vida e formação da imagem corporal dessa população (Rasmussen et al., 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse trabalho foi conhecer o estado da arte de pesquisas sobre chacotas relacionadas à aparência em adolescentes escolares com deficiência e transtorno. Os dados coletados nessa revisão demonstraram que essa população é mais suscetível a sofrer vitimização dos pares por atributos de sua aparência, impactando negativamente a formação de sua imagem corporal. Os efeitos dessas chacotas prejudicam outros âmbitos de sua vida como a interação social e o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento. Futuras pesquisas podem investigar essa temática em trabalhos de campo, estando com essa população e entendendo outros aspectos afetados pelas chacotas.

REFERÊNCIAS

ALEXIUS, Sílvia Leticia et al. Evidences of the association between individual attributes and bullying: a cross-sectional study with adolescents from Florianópolis, Santa Catarina State, Brazil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 34, 2019.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition (DSM-5)*. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BERCHIATTI, M.; FERRER, A.; GALIANA, L.; BADENES-RIBERA, L.; LONGOBARDI, C. Bullying in students with special education needs and learning difficulties: The role of the student–teacher relationship quality and students’ social status in the peer group. In *Child & youth care forum* (pp. 1-23). Springer US, 2021.

BLAKE, Jamilia J. et al. National prevalence rates of bully victimization among students with disabilities in the United States. *School psychology quarterly*, v. 27, n. 4, p. 210, 2012.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília: Casa Civil, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 19 mar. 2019.

CASH, T. F. Cognitive-Behavioral Perspectives on Body Image. *Encyclopedia of Body Image and Human Appearance*, 334–342. doi:10.1016/b978-0-12-384925-0.00054-7, 2012.

CARIBÉ, Sergio Ricardo Costa. A instrumentação da ação pública na avaliação biopsicossocial da deficiência: uma análise da experiência brasileira. Dissertação de Mestrado, FGV, 2022.

CHAN, Ko Ling; LO, Camilla KM; IP, Patrick. Associating disabilities, school environments, and child victimization. *Child abuse & neglect*, v. 83, p. 21-30, 2018.

ÇOBAN, Özge et al. Psychiatric disorders and peer-victimization in children and adolescents with growth hormone deficiency. *Clinical pediatrics*, v. 61, n. 10, p. 684-691, 2022.

DAHILL, L. M.; TOUYZ, S.; MORRISON, N. M.; HAY, P. (. Parental appearance teasing in adolescence and associations with eating problems: a systematic review. *BMC Public Health*, 21, 1-13, 2021.

GIESE, Martin et al. "... and after That Came Me". Subjective Constructions of Social Hierarchy in Physical Education Classes among Youth with Visual Impairments in Germany. *International journal of environmental research and public health*, v. 18, n. 20, p. 10946, 2021.

HAEGELE, Justin A.; KIRK, T. Nicole. Experiences in physical education: Exploring the intersection of visual impairment and maleness. *Adapted Physical Activity Quarterly*, v. 35, n. 2, p. 196-213, 2018.

HAEGELE, Justin A.; AIGNER, Carrie; HEALY, Sean. Impact of weight and disability status on bullying victimisation and perpetration among youth. *Journal of Paediatrics and Child Health*, v. 57, n. 3, p. 383-387, 2021.

HUTZLER, Yeshayahu et al. Physical activity, sedentary screen time and bullying behaviors: Exploring differences between adolescents with and without disabilities. *International Journal of Adolescence and Youth*, v. 26, n. 1, p. 110-126, 2021.

LANDSTEDT, Evelina; PERSSON, Susanne. Bullying, cyberbullying, and mental health in young people. *Scandinavian journal of public health*, v. 42, n. 4, p. 393-399, 2014.

LIANG, V. X.; JACKSON, A. C.; MCKENZIE, V. L. The Effects of Teasing in Childhood or Adolescence on Young Adults' Body Image. *The Australian Educational and Developmental Psychologist*, 28(02), 101–115, 2011. doi:10.1375/aedp.28.2.101

PINQUART, Martin; PFEIFFER, Jens P. Bullying in German adolescents: Attending special school for students with visual impairment. *British journal of visual impairment*, v. 29, n. 3, p. 163-176, 2011.

PINQUART, Martin; PFEIFFER, Jens P. Body image in adolescents with and without visual impairment. *British Journal of Visual Impairment*, v. 30, n. 3, p. 122-131, 2012.

PINQUART, Martin. Systematic review: bullying involvement of children with and without chronic physical illness and/or physical/sensory disability—a meta-analytic comparison with healthy/nondisabled peers. *Journal of pediatric psychology*, v. 42, n. 3, p. 245-259, 2017.

RASMUSSEN, C. H. et al. Bullying y calidad de vida relacionada con la salud en adolescentes escolares chilenos. *Revista médica de Chile*, v. 143, n. 6, p. 716-723, 2015. SCHAEFER, M. K.; SALAFIA, E. H. B. The connection of teasing by parents, siblings, and peers with girls' body dissatisfaction and boys' drive for muscularity: The role of social comparison as a mediator. *Eating Behaviors*, 15(4), 599–608. 2014. doi:10.1016/j.eatbeh.2014.08.018

SCHLÜTER, Constanze; KRAAG, Gerda; SCHMIDT, Jennifer. Body shaming: an exploratory study on its definition and classification. *International journal of bullying prevention*, p. 1-12, 2021.

SCHIPPER, Tessa; LIEBERMAN, Lauren J.; MOODY, Brigitte. "Kids like me, we go lightly on the head": Experiences of children with a visual impairment on the physical self-concept. *British Journal of Visual Impairment*, v. 35, n. 1, p. 55-68, 2017.

SENTENAC, Mariane et al. Victims of bullying among students with a disability or chronic illness and their peers: a cross-national study between Ireland and France. *Journal of Adolescent Health*, v. 48, n. 5, p. 461-466, 2011.

SIMPSON, Cynthia G.; ROSE, Chad A.; ELLIS, Stephanie K. Gender discrepancies and victimization of students with disabilities. *Remedial and Special Education*, v. 37, n. 5, p. 296-307, 2016.

SOMMER, Rachel et al. Experiencing health-related quality of life in paediatric short stature—a cross-cultural analysis of statements from patients and parents. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, v. 24, n. 6, p. 1370-1376, 2017.

SWEARER, Susan M. et al. Understanding the bullying dynamic among students in special and general education. *Journal of school psychology*, v. 50, n. 4, p. 503-520, 2012.

SULLIVAN, Terri N. et al. Problem situations experienced by urban middle school students with high incidence disabilities that impact emotional and behavioral adjustment. *Journal of Emotional and Behavioral Disorders*, v. 23, n. 2, p. 101-114, 2015.

THOMPSON, J. Kevin et al. Development and validation of the physical appearance related teasing scale. *Journal of personality assessment*, v. 56, n. 3, p. 513-521, 1991.

VERZOLLA, Beatriz Lopes Porto. Perspectivas de utilização do modelo biopsicossocial de avaliação da deficiência na área de educação escolar no Brasil. *Revista Educação Especial em Debate*, v. 8, n. 15, p. 161-179, 2023.

WOOLWEAVER, Ashley B.; BARBOUR, Jessica C.; ESPELAGE, Dorothy L. An exploratory analysis of financial status and risk factor interactions for bullying victimization. *School Psychology Review*, p. 1-13, 2022.

ZIMMER-GEMBECK, M. J.; WEBB, H. J. Body image and peer relationships: Unique associations of adolescents' social status and competence with peer- and self-reported appearance victimization. *Journal of Adolescence*, 61, 131–140, 2017. doi:10.1016/j.adolescence.2017.10.002

ZIMMER-GEMBECK, Melanie J. et al. Risk factors and temporal patterns of disordered eating differ in adolescent boys and girls: Testing gender-specific appearance anxiety models. *Development and Psychopathology*, v. 33, n. 3, p. 856-867, 2021.